

Mais ninguém tem: a imagem do azul na escrita de Inês Pedrosa¹

Nobody else has: an imagine of the color blue in Inês Pedrosa writings

Wanessa Rayzza Loyo da F. M. VANDERLEI²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar os caminhos técnicos que permeiam a construção ficcional da fábula *Mais ninguém tem* (1991), da escritora portuguesa Inês Pedrosa e, posteriormente, fazê-la dialogar com o poema *Soneto do dismantelo azul*, do poeta brasileiro Carlos Pena Filho. Analisaremos algumas metáforas retiradas das duas obras, a fim de embasar a nossa interpretação da construção, na obra da escritora portuguesa, de uma rede social pautada na diversidade cultural. Desta feita, discutimos no início do trabalho conceitos-chave que perpassam a obra de Inês Pedrosa e suas contribuições para o amadurecimento do público em geral e, em especial, do público infanto-juvenil, o que nos possibilitará (re)pensar a produção contemporânea da literatura infanto-juvenil portuguesa. Partindo de tais conceitos, procuramos responder sobre os questionamentos que cercam a construção ficcional da obra em análise.

Palavras-chave: Inês Pedrosa. Literatura infanto-juvenil portuguesa. Metáfora. Carlos Pena Filho. Literatura comparada.

Abstract: This article aims to analyze the ways that permeate the technical construction of the fictional tale *Mais ninguém tem* (1991), by the Portuguese writer Inês Pedrosa and then identify its counterpart in the poem *Soneto do dismantelo azul* by the Brazilian poet Carlos Pena Filho. We will review some metaphors taken from both works to support our interpretation concerning the construction of a social network based on cultural diversity in this work by this Portuguese writer. We discuss at the outset of the work the key concepts that underlie the work of Inês Pedrosa and the contributions to the maturing process of readers in general and in particular children and young readers which will enable us to (re) think the production of contemporary Portuguese children literature. From these concepts, we seek to answer possible questions surrounding the fictional construction of the work under review.

Keywords: Inês Pedrosa. Portuguese children literature. Metaphor. Carlos Pena Filho. Comparative literature.

Introdução

O texto literário remete sempre a uma pluralidade de significações. O leitor dispõe assim de certa latitude quanto à sua interpretação. A leitura literária é, mais do que qualquer uma, marcada subjetivamente: enriquecedora no plano intelectual, autoriza também o investimento imaginário (JOUVE, 2002, p. 137).

A metáfora une dois mundos antagônicos por meio de um salto eqüestre da imaginação (LORCA, 1957).

Este trabalho objetiva analisar a obra *Mais ninguém tem*, da escritora portuguesa contemporânea Inês Pedrosa, e fazê-la dialogar com o *Soneto do dismantelo azul*, do poeta brasileiro Carlos Pena Filho, para, a partir das concepções de metáforas desenvolvidas pelos teóricos, como por exemplo, George Lakoff e Mark Johnson, Max Black e Hugo Friedrich, selecionarmos algumas metáforas das duas obras já

¹ Trabalho orientado pela Profa. Dra. Ermelinda Ferreira, apresentado no 15º Encontro de Literatura Infanto-Juvenil: Diversidade cultural e formação cidadã, realizado na Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE.

² Graduanda do Curso de Letras, com habilitações em Licenciatura em Português e Bacharelado em Literatura na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, e estudante de Iniciação Científica PIBIC/UFPE, orientada pela Profa. Dra. Ermelinda Ferreira. E-mail para contato: wanessaloyo@hotmail.com.

mencionadas, além de analisarmos as contribuições para o desenvolvimento/formação do público infanto-juvenil.

Adotaremos no nosso trabalho a seguinte ordem de discussão: breve apresentação da escritora Inês Pedrosa; resumo da obra *Mais ninguém tem*; conceituação de metáfora; análise das metáforas selecionadas das obras *Mais ninguém tem* e *Soneto do dismantelo azul* e a sua importância para o desenvolvimento do público infanto-juvenil.

Quem é Inês Pedrosa?

Inês Margarida Pereira Pedrosa, ou simplesmente Inês Pedrosa, nasceu em 1962, em Coimbra. Formada em Ciências da Comunicação, na Universidade Nova de Lisboa, trabalhou em diversos jornais como redatora: O Jornal (atual revista Visão), Jornal de Letras, Artes e Ideias, O Independente, LER, *Marie Claire*, Expresso (com a coluna *Crónica Feminina*³) e desde 2008 é diretora da Casa de Fernando Pessoa.

Sua primeira obra publicada foi *Mais ninguém tem* (1991), dirigida ao público infanto-juvenil, seguindo-se das obras de ficção⁴: *A Instrução dos Amantes* (1992), *Nas tuas Mãos* (1997, que lhe rendeu o Prêmio Máxima de Literatura de 1998), *Fazes-me Falta* (2002), *A Menina que Roubava Gargalhadas* (2002, segundo livro dedicado ao público infanto-juvenil), *Fica Comigo Esta Noite* (2003), *Carta a uma Amiga* (2003), *Do Grande e do Pequeno Amor* (2006), *A Eternidade e o Desejo* (2007), *Os Íntimos* (2010, com o qual concorre ao Prêmio Portugal Telecom de Literatura 2011).

***Mais ninguém tem*, que história é essa?**

Mais ninguém tem, publicado em 1991, faz parte da coleção *Primeiras histórias*, dirigida por Inês Pedrosa e Fernanda Fragateiro, composta por pequenos livros escritos e ilustrados por autores portugueses, como por exemplo, Ana Cardoso Pires, António Mega Ferreira e Jorge Colombo.

Nesse livro, Pedrosa nos apresenta a história de uma menina, Margarida, inconformada com “um mundo esquisito onde as pessoas só usavam sapatos castanhos,

³ A última crônica postada por Inês Pedrosa na coluna *Crónica Feminina* foi em 23/02/2011. As suas crônicas continuam disponíveis em: <<http://aeiou.expresso.pt/ines-pedrosa=s23492>>. Acesso em: 06 maio 2011.

⁴ Pedrosa possui ainda as seguintes obras de não-ficção: *José Cardoso Pires: Fotobiografia* (1999); *20 Mulheres para o Século XX* (2000); *Antologia da Poesia Portuguesa* (2002, coletânea); *Anos Luz: Trinta Conversas para Celebrar o 25 de Abril* (2004); *Crónica Feminina* (2005); *No Coração do Brasil - seis cartas de viagem ao padre António Vieira* (2008).

pretos ou cinzentos” (PEDROSA, 1991, p. 10) e onde a liberdade não existe. Decide ir à busca dos sapatos azuis da cor do céu das noites de Verão, numa longa viagem a uma terra mágica que possui “ruas com luzes da cor do sol” (PEDROSA, 1991, p. 32).

Durante essa viagem ela conhece um menino, Bruno, que, assim como ela, procura um objeto diferente, especial, que desfaça o mundo esquisito em que vive, onde não há diferença e nem liberdade. O objeto almejado por Bruno é um chapéu típico dos filmes de aventuras, “onde há um miúdo, um homem e uma rapariga que ultrapassam os perigos sempre juntos. O herói perde muitas vezes o chapéu e é o miúdo que o vai buscar” (PEDROSA, 1991, p. 40).

Ao chegarem à cidade mágica, eles conhecem os irmãos Nicolau e Sílvia, e seus pais Fernando e Ana, que irão ajudá-los a realizarem os seus desejos. Inês Pedrosa, nessa fábula, metaforiza os objetos desejados por Margarida e por Bruno – sapatos azuis e chapéu típico dos filmes de aventuras – para nos contar a história de duas crianças que viajam à procura da liberdade e o respeito à diferença.

Concepções de metáforas

A definição de metáfora é um dos conceitos mais discutidos na área literária. Alvo de estudo desde a Antiguidade greco-romana, com destaque de Aristóteles até as discussões contemporâneas de George Lakoff e Mark Johnson, Max Black e Hugo Friedrich, percebe-se o quanto a concepção de metáfora modificou-se com o passar dos séculos.

Aldo de Lima, na sua obra *Metáfora e cognição* (2006), argumenta que, de forma geral, existem dois grandes grupos distintos de concepções a respeito das metáforas: o grupo da metáfora greco-romana – em que encontramos a metáfora através do conceito de analogia, comparação – e o grupo da metáfora ibérica – em que encontramos a metáfora através da fusão e interação de tensões. Como podemos analisar abaixo:

[...] na literatura (e nas artes) a metáfora apresenta dois tipos distintos: a metáfora da analogia e da comparação (dos greco-romanos à Renascença) e a metáfora da interação de contrários, ou da técnica da fusão de contrários (do Maneirismo à contemporaneidade), ou seja, a *metáfora grega*: comparação, analogia, transposição; a *metáfora ibérica* (ibérica porque suas primeiras manifestações aconteceram na Itália maneirista): fusão e interação de contrários, de tensões (LIMA, 2006, p. 63).

Compreendendo que as metáforas possibilitam ao ser humano “ressignificar o mundo, renomeá-lo, reorganizá-lo” (LIMA, 2006, p. 39), e que a “comparação é no

máximo, um resultado da metáfora e não o contrário” (MARCUSCHI, 2000, p. 85), trataremos das principais concepções teóricas através dos críticos George Lakoff e Mark Johnson, Max Black, Hugo Friedrich.

Lakoff e Johnson argumentam que a metáfora é um produto de uma tensão de contrários através da compreensão *iterativo-semântica*. Salientando que “a metáfora não é apenas uma questão de linguagem, isto é, meramente de palavras. Pelo contrário, argumentamos que os processos do pensamento são na sua maioria metafóricos” (LAKOFF; JOHNSON, 1998, p. 42).

Black, através do ponto de vista da semântica, defende que a metáfora é a interação de dois conteúdos semânticos distintos (*focus* ou conteúdo primário e *frame* ou conteúdo secundário), e que o leitor/ouvinte tem que conhecer os significados literais desses dois conteúdos para que possa compreender a metáfora através da seleção de algumas propriedades culturais do assunto secundário (*frame*). Black argumenta que:

[...] a metáfora resulta de uma interação entre dois conteúdos semânticos distintos, formada pelo que ele designa de *focus* (conteúdo primário), que representa a palavra usada metaforicamente e *frame* (conteúdo secundário), que representa o contexto literal onde a metáfora está situada. [...] A exigência inicial é que os significados literais das duas palavras (dos assuntos) sejam conhecidos pelo leitor ou ouvinte, conhecimento que, necessariamente, não precisa ser o normal, dicionarizado, mas que esteja no que Black designa de *sistemas de tópicos da palavra*. Ao ouvir ou ler uma metáfora, o falante seleciona algumas das propriedades *culturais* do assunto secundário integrando-as ao principal (BLACK apud LIMA, 2006, p. 45).

Já Hugo Friedrich argumenta que a metáfora moderna tem “capacidade de unir algo próximo a algo distante, de desenvolver combinações as mais desconcertantes ao transformar um elemento que já é longínquo num absolutamente remoto” (LIMA, 2006, p. 59). Todos esses teóricos defendem a concepção de que a metáfora é a fusão de significados opostos, através de uma ressignificação de uma palavra/expressão.

Compreendendo a metáfora através dessa concepção e acreditando, como argumenta Jouve (2002, p. 137, ver epílogo do trabalho), que “a leitura literária é, mais do que qualquer uma, marcada subjetivamente: enriquecedora no plano intelectual, autoriza também o investimento imaginário”, analisaremos as metáforas selecionadas nas obras *Mais ninguém tem* e *Soneto do dismantelo azul*.

O “desmantelo azul” de Inês Pedrosa e Carlos Pena Filho

Na obra da escritora portuguesa Inês Pedrosa, encontramos a busca de Margarida e seu amigo Bruno pela liberdade e pelo direito de serem diferentes em meio a uma sociedade estranha, em que as pessoas se comportam da mesma forma, e que andam “com um passo arrastado, como se não valesse a pena ir a lado nenhum” (PEDROSA, 1991, p. 12). Mundo esses em que os adultos não escutavam as crianças e que possuíam “medos de ideias novas”:

- Mãe, quero uns sapatos azuis – disse ela um dia, muito séria, para ver se a mãe não respondia com aquela frase feia: Ora! Caprichos de uma menina mimada. – Pronto, já tinha respondido.

Ufa! Porque é que as pessoas crescidas são tão repetitivas? E porque é que têm tanto medo das ideias novas?

Mas desta vez a Margarida estava muito decidida: - Sou, sou mimada, gosto muito de pessoas que têm caprichos. Quero uns sapatos azuis.

A mãe rezingou qualquer coisa acerca das manias das crianças de hoje, mas a Margarida já nem ouviu. Virou costas e foi para o quarto brincar, muito emproada (PEDROSA, 1991, p. 12 – 13, grifo nosso).

As únicas personagens adultas que não fazem parte desse “mundo estranho” são tia Felicidade (tia de Margarida), o amolador de tesouras, João (que falou sobre a cidade mágica em que Margarida poderia conseguir os seus sapatos azuis e a levou até o comboio que iria até a cidade já referida), os pais de Nicolau e Sílvia, Fernando e Ana.

Pedrosa utiliza-se metaforicamente dos sapatos azuis da cor dos olhos de Margarida e “da água da piscina da tia Felicidade” (PEDROSA, 1991, p. 15) e do chapéu típico dos filmes de aventuras para representar o direito à diferença e à liberdade das pessoas, representação metafórica também feita pelo poeta pernambucano Carlos Pena Filho no *Soneto do desmantelo azul*, que deseja “pintar” de azul o mundo:

Então, pinte de azul os meus sapatos
por não poder de azul pintar as ruas
depois, vesti meus gestos insensatos
e colori as minhas mãos e as tuas.

Para extinguir em nós o azul ausente
e aprisionar no azul as coisas gratas,
enfim, nós derramamos simplesmente
azul sobre os vestidos e as gravatas.

E afogados em nós, nem nos lembramos
que no excesso que havia em nosso espaço
pudesse haver de azul também cansaço.

E perdidos de azul nos contemplamos
e vimos que entre nós nascia um sul
vertiginosamente azul. Azul.

Além das metáforas dos “sapatos azuis” e do “chapéu típicos dos filmes de aventuras” (recorrentes em toda a obra), Pedrosa utiliza-se na sua fábula de algumas metáforas para enfatizar a necessidade da diferença e da liberdade dentro da sociedade. Entre essas metáforas podemos destacar o nome da tia de Margarida (tia Felicidade), os nomes das ruas por onde João, o amolador de tesouras, passa com Margarida ao levá-la para a cidade mágica – “havia ruas com nomes de flores ou de ideias bonitas como, por exemplo, liberdade” (PEDROSA, 1991, p. 33) –, e da forte união entre o gato Chocolate e o cão Sebastião. Um outro elemento importante trabalhado pela escritora portuguesa é a noção da gradativa liberdade que Margarida adquire ao se afastar da sua casa (que representa a sociedade “fechada”, sem liberdade), até chegar à casa de Nicolau e Sílvia (que representa, na fábula, o grau máximo de liberdade).

Considerações finais

Em *Mais ninguém tem*, Inês Pedrosa utiliza-se de metáforas para discutir a importância de uma rede social pautada na diversidade cultural. Vale salientar também a importância das ilustrações de Jorge Colombo como “elemento a mais para reforçar a história e a atração que o livro exerce sobre os pequenos leitores” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991: 13). Pedrosa e Colombo trazem, por todos os aspectos já discutidos, contribuições para o amadurecimento/desenvolvimento do público em geral e, em especial, do público infanto-juvenil. Pois, como defendem Zilberman e Lajolo, a diferenciação entre a literatura infanto-juvenil e a não infanto-juvenil encontra-se no meio peculiar de sua circulação, e não necessariamente por procedimentos constitutivos (internos) da obra. Como podemos observar no trecho a seguir:

A literatura infantil, orientada de antemão a um consumo muito específico e que se dá sob a chancela de instituições sociais como a escola, cria problemas sérios para o teórico e o historiador que dela se aproximam munidos dos instrumentos consagrados pela história e pela teoria literárias. Sem entrar nos aspectos teóricos da literatura infantil [...] vale notar que ela talvez se defina pela natureza peculiar de sua circulação e não por determinados procedimentos internos e estruturais alojados nas obras ditas para crianças. Na história da literatura infantil europeia, são muitos os exemplos de obras, hoje consideradas clássicos para a infância, que, na sua origem, não continham essa determinação de público [...].

Mas, se o caráter infantil de uma obra talvez não se defina necessariamente por seus elementos internos, à medida que os livros para criança foram se multiplicando, eles passaram a ostentar certas feições que, pela frequência com que se fazem presentes, parecem desenhar uma segunda natureza da obra infantil. É o caso, por exemplo, da ilustração (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 13).

Referências

COUTINHO, Edilberto. **Os melhores poemas de Carlos Pena Filho**. 4. ed. São Paulo: Global, 2000.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Ática, 1991.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas de la vida cotidiana**. 4. ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.

LIMA, Aldo de. **Metáfora e cognição**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

LORCA, Federico Garcia. **A imagem poética em Dom Luís de Gongora: obras Completas**. Madri: Nova Aguilar, 1957.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A propósito da metáfora. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, jan/jun. 2000.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

PEDROSA, Inês. **Mais ninguém tem**. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

Recebido em: 13/06/2011

Aprovado em: 21/02/2014

Para referenciar este texto:

VANDERLEI, Wanessa Rayzza Loyo da F. M. *Mais ninguém tem: a imagem do azul na escrita de Inês Pedrosa*. **Revista FAFIRE**, Recife, v. 3, n. 2, p.25-31, jul./dez.2010.